

## André Teixeira Jacobina

### Futebol: o esporte bretão que se abrigou

E-mail: adretj@terra.com.br

**Resumo:** Este artigo analisa os primeiros passos do futebol no Brasil, desde quando foi trazido pelas elites, com um caráter profundamente estrangeiro, ao longo da primeira metade do século XX – quando se popularizou para além das elites – até a sua progressiva nacionalização. O futebol assume diferentes sentidos para aqueles que apoiavam o esporte, para aqueles de comunidades mais pobres que se tornaram praticantes, e para os que faziam oposição a ele. O futebol tanto foi utilizado politicamente pelas elites que o apoiavam, os *sportsmen*, como foi instrumento das classes subalternas, favorecendo sua organização e poder de barganha com os “patrões”. Baseado principalmente nos trabalhos de Leonardo Pereira (2000), *Footballmania: Uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*, e de Gregg Bocketti (2007), “Playing with national identity: Brazil international football (1900-1925)”, este artigo busca conectar história social, política e econômica do período com os reflexos do contexto no esporte, na formação de identidades, especialmente na ligação entre o futebol e a identidade nacional brasileira, discutindo o que o esporte é capaz de revelar sobre o período. O artigo visa indicar que o caminho para pesquisas acerca da história dos esportes, em especial do futebol, está aberto.

**Palavras-Chave:** História; Futebol; Brasil.

Enviado em 24 de fevereiro de 2011 e aprovado em 20 de setembro de 2011.

## Introdução

Futebol é mais do que um esporte no Brasil, pois através dele se forjam identidades. Foi, por exemplo, um importante componente na formação da identidade brasileira, e não é por acaso que é feita a frequente comparação dele com as religiões, ao se dizer que “futebol é uma religião no Brasil”. Pois na relação com o futebol a população constrói mitos, santifica heróis e demoniza vilões, personagens de sua narrativa.

Começamos examinando a chegada do futebol no Rio de Janeiro, na primeira metade do século XX. Discutimos também as identidades formadas e projetadas, examinando as visitas dos amadores dos ingleses do “Corinthian Football Club” ao Brasil. Analisamos os primeiros passos do processo de profissionalização do futebol, em 1933, e problematizamos o confronto com a perspectiva amadora. Examinamos o estabelecimento do futebol como esporte de massa e também a utilização do esporte como instrumento de barganha e articulação das classes subalternas.

Em termos historiográficos, é importante refletir sobre a pouca valorização do futebol como tema de pesquisa nos meios acadêmicos. A temática do futebol, aparentemente, seria menos respeitável aos olhos dos pesquisadores em ciências humanas (PEREIRA, 2000, p.9). Essa resistência ao tema, entretanto, não deve nos intimidar, como não intimidou Leonardo Pereira, Gregg Bocketti e outros historiadores e cientistas sociais.

## Oscar Cox e o futebol no Rio de Janeiro

A história do futebol no Rio de Janeiro tem início com um jovem chamado Oscar Cox que, como a maioria dos praticantes do esporte no século XIX, era de família rica e tinha estudado na Europa. Na bagagem de Cox, muito mais importante do que a bola de *foot-ball*, encontrava-se o manual de regras da Associação Futebolística Inglesa. Esse manual forneceu regras que ainda não eram conhecidas ou difundidas no futebol do Rio de Janeiro naquela época, mesmo pelas elites, que o praticavam, muitas vezes, sem compromisso com as regras oficiais. De fato, o futebol era um esporte incipiente no Brasil, embora na Inglaterra já fosse difundido e na Europa houvesse uma progressiva formação de clubes. A contínua difusão do esporte pela América do Sul foi um tanto correlata à experiência brasileira com Oscar Cox e Charles Muller. Este também havia ido à Inglaterra, em 1894, e também trouxe as regras do jogo. O *football* começa a dar seus passos para uma prática mais organizada, sistematizada, importada dos campeonatos e práticas inglesas do esporte.

O surgimento de novos clubes de futebol como o “Rio *Foot-ball Club*” – o primeiro formado por descendentes de ingleses e brasileiros da elite juntos – e o acolhimento do esporte, com posterior formação de times, por outros clubes mais antigos que praticavam outros esportes, como era o caso do Club de Regatas Vasco da Gama e o do Flamengo, marcam o início da chegada do jogo no Rio de Janeiro. Aliado a isso, foi fundamental para o esporte os jogos realizados contra os clubes e selecionados paulistas, estabelecendo-se uma rivalidade regional que serviu como promoção e impulso do esporte na cidade.

Outra coisa notável era a indumentária, não só dos jogadores, mas também dos torcedores. Os *foot-ballers*, os jogadores, eram membros de uma elite pomposa e aristocrática. E, se o negro, o pobre e o operário não tinham lugar entre os *foot-ballers*, também não se encontravam junto às torcidas. Os torcedores também se vestiam a caráter – como se fossem a um jogo de pólo, arriscamos comparar – para prestigiar as *matches*. Além de elitista, o futebol maravilhava as elites cariocas pelo status cosmopolita – principalmente pela ligação com ingleses – que o esporte proporcionava. Era o esporte dos desenvolvidos países europeus, e a elite brasileira queria se aproximar deles. A nomenclatura de língua inglesa estava constantemente presente e era um dos fortes indicativos.

Ademais da ascendência e da estratificação social havia também uma questão cultural na forma como se deu início à prática do futebol no Brasil. Os jogadores de futebol eram, em sua maioria, acadêmicos, estudantes da faculdade de medicina, da escola politécnica e outras, tendo também formação muitas vezes no exterior. Por maiores que fossem os contrastes, entretanto, Leonardo Pereira derruba a tese de que, nos primeiros anos do século passado, o futebol era um esporte praticado apenas pela elite. A descoberta foi feita através de pesquisa em documentos policiais. Esta fonte foi utilizada porque na época era obrigatório comunicar à polícia o desejo de se criar uma agremiação. Com base nesses textos, Pereira identifica uma gama de clubes marginalizados, formados em sua maioria por trabalhadores, que estavam ausentes da história normalmente contada sobre futebol, da qual tratamos mais a frente no artigo.

A popularização do futebol é também de interesse daqueles que estudaram o esporte, pois, a princípio, trata-se de um esporte caro, se pensarmos nos equipamentos necessários, como chuteiras e redes, uniformes, e toda padronização necessária para fazer uma partida oficial. Porém, tudo isso pode ser improvisado e se tornar bastante barato, em partidas não oficiais. Na prática da elite havia uma série de cuidados com, por exemplo, as medidas dos campos, cortes e tamanho da grama, peso e qualidade da bola, juntamente com a adequada padronização, camisas para todos os jogadores. Mas, para tudo isso, há possibilidades de improvisação. Já com relação ao pólo, por outro lado, seria impossível se improvisar um cavalo, para uma prática minimamente próxima do esporte e, não por acaso, tal desporto não se popularizou.

Outro dado extremamente interessante e curioso é a ligação que o futebol tem com a diversão para a patuléia que o praticava. Enquanto nos clubes de elite, como Flamengo e Fluminense, a preocupação da prática esportiva estava ligada à valorização da educação física como complemento de formação, nas agremiações populares era comum misturar carnaval e futebol. Inclusive, havia um clube com um nome tragicômico, chamado Sociedade Carnavalesca Miséria e Fome Futebol Clube. Nesses locais, tal união não parecia uma contradição, pois futebol e carnaval eram vistos como maneiras irmãs de diversão, além do que, o humor parece povoar a forma com que lidavam, ao menos em parte, com as dificuldades sociais.

### O orgulho da nação

A fim de discutir identidade nacional, faz-se necessário, mesmo que brevemente, discutir-se o conceito de identidade. Esse conceito vem sendo alvo de reflexões e debates

no campo acadêmico já há bastante tempo, mas na contemporaneidade essas discussões se intensificaram.

Zygmunt Bauman (2005), ao refletir sobre a questão da identidade e de uma noção de pertencimento, a uma nação, por exemplo, diz que ela se forma a partir de uma tarefa, de um objetivo a ser construído. Em suas palavras:

Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”. Em outras palavras, a idéia de “ter uma identidade” não vai ocorrer às pessoas enquanto “pertencimento” continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativas. Só começaram a ter essa idéia na forma de uma tarefa a ser realizada, e realizada vezes e vezes sem conta, e não de uma só tacada (BAUMAN, 2005, p.17-18).

Isso é evidente na tentativa das elites brasileiras de construir uma identidade semelhante a dos ingleses. O *football*, para esse fim, é instrumental, e a tarefa a ser realizada é reproduzir aqui uma série de valores e princípios ingleses com que a elite brasileira se identificava. Para esse fim, celebrar o espírito amador do “football”, um esporte praticado pela elite e para a elite, predominantemente no final do século XIX e início do XX, fazia parte do conjunto de ações a serem repetidas a fim de serem internalizadas. Porém, como veremos mais a frente, as elites não têm total controle da relação da população com o futebol.

O jornalista Benedetto Vecchi questiona Bauman acerca da sua visão de identidade, especialmente da noção de “identidades coletivas”, aludindo ao debate existente. Bauman reforça a necessidade de ver a identidade como algo a ser criado, um objetivo. Vejamos, primeiro Benedetto Vecchi:

Na imaginação sociológica, a identidade é sempre algo muito evasivo e escorregadio, quase um a priori, ou seja, uma realidade preexistente. Por exemplo, para Emile Durkheim, as identidades coletivas sempre permanecem como pano de fundo, mas não há dúvida de que, em seu livro mais famoso, *A divisão social do trabalho*, essa divisão é um elemento contraditório. Por um lado, ela coloca em risco os vínculos sociais, mas ao mesmo tempo atua como fator de estabilização na transição para a criação de uma nova ordem social. Entretanto, em seu arcabouço analítico, a identidade deve ser considerada um objetivo, um propósito, em vez de um fator predefinido. Qual a sua opinião?

Ao que Bauman responde:

Minha opinião é igual à sua... Sim, de fato, a “identidade” só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, “um objetivo”; como uma coisa que ainda precisa se

construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela e protegê-la lutando ainda mais – mesmo que, para que essa luta seja vitoriosa, a verdade sobre a condição precária e eternamente inconclusa da identidade deva ser, e tenda a ser, suprimida e laboriosamente oculta.

Tendemos a concordar com Bauman, a identidade é algo continuamente construído e reconstruído pelas ações em função de um objetivo. O passado nos lega circunstâncias que fogem a nosso controle, nos apresenta identidades construídas nesse passado, mas elas precisam ser revalidadas, ter suas tarefas repetidas, para que a identidade se mantenha forte e não se desfaça na mente daqueles que a mantêm em sua forma de agir e pensar. A elite brasileira nos finais do século XIX e início do século XX já deixava clara, talvez até antes disso, sua identidade como modo de vida e valores das elites da Europa Ocidental, e tomou como tarefa reproduzi-los aqui no Brasil. Outras alternativas de identidades surgiram e competiram entre si, como a noção positiva da mestiçagem de Gilberto Freyre, algo impensável para essas elites, que não por acaso permitiam somente brancos no esporte que melhor exprimia suas perspectivas. Devido à complexidade e amplitude do debate, iremos nos restringir a apontar que essa é a forma que trabalhamos com o conceito de identidade, aproximando-nos do entendimento apontado por Bauman.

Devemos examinar a ligação entre nacionalismo e futebol e a emoção das massas conectadas ao jogo, bem como o caráter simbólico do jogo. Para esse fim, os trabalhos de Gregg Bocketti são mais relevantes que o de Leonardo Pereira, já que a discussão sobre identidades é algo mais trabalhado por Bocketti. Se não discordamos de Pereira em suas análises, por estarem, em nossa visão, bem fundamentadas, consideramos seu trabalho insuficiente para problematizar a questão da identidade, e da formação de uma identidade nacional brasileira.

As partidas contra o selecionado argentino no Rio de Janeiro podem ser consideradas como um dos símbolos dessa nova experiência. A algazarra criada por um conjunto de torcidas unidas em “socorro” – já que “nós” perdemos as três partidas – era algo inédito que deu novas bases ao conceito de futebol na capital do país. Uma espécie de dor coletiva indica o peso que o esporte estava acumulando no imaginário da população brasileira, ainda que obviamente não possa ser comparada à dor de 1950, que muito tempo depois, trouxe um dos melhores exemplos do envolvimento emocional do brasileiro com o esporte, assim como as vitórias também demonstraram, como a de 1958 na Copa do Mundo da Suécia.

Desde o final da década de 1910, quando um time composto por cariocas e paulistas conquistou pela primeira vez um título sul-americano, as disputas futebolísticas internacionais já eram capazes de juntar, em uma mesma torcida, os mais diversos grupos. Era a nova torcida, a torcida pelo país, e não por grupos particulares. Era um sentimento que conectava futebol à nação e que foi utilizado por aqueles que estavam no poder, desde o Estado Novo, até, por exemplo, a ditadura militar na copa do mundo de 1970. Tal identidade mostrava, porém, ser insuficiente para dissipar as tensões e desigualdades. Enquanto vibravam com as primeiras seleções nacionais, formadas exclusivamente por jogadores brancos e da elite, torcedores de outras origens sociais lutavam pela sua in-

clusão na imagem da nação definida através do jogo. Em 1921, no governo de Epitácio Pessoa, era proibida a presença negra nos selecionados nacionais. Luiz Antonio – irmão de Domingos da Guia, jamais pôde representar o Brasil nos campos oficiais, apesar de suas reconhecidas qualidades técnicas.

No início do século XX, a seleção brasileira era muito mais uma propaganda de uma versão européia do Brasil. Era não somente branca, mas elitista, cultural e socialmente; valorizava a riqueza, a cultura europeia e o espírito amador, em contraposição ao profissionalismo, que era criticado por essa elite, nas duas primeiras décadas do século XX. Bocketti aponta que os jogadores da seleção brasileira de futebol eram “embaixadores” dessa visão favorável da cultura europeia. A elite brasileira queria abraçar o futebol, que, assim como roupas e música, fazia parte das práticas e costumes que eram importantes na busca por esse ideal, por essa identidade europeia que deveria, na visão dessa elite, tornar-se a imagem do Brasil (BOCKETTI, 2004).

Em 1934, um atleta negro, Leônidas da Silva, o “Diamante Negro”, é convocado para jogar uma Copa do Mundo, tornando-se o grande destaque da seleção. Essa “permissão” da elite, que até então mantinha, em geral, negros e afro-descendentes longe dos gramados oficiais, nasce de uma gradual mudança de mentalidade com relação à formação cultural híbrida do povo brasileiro: a mistura de raças passa a ser vista não mais como um problema e um fardo, mas sim como uma vantagem. O auge dessa mudança se dá com a publicação, em 1933, de *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre, que defende esse aspecto positivo da mistura de raças.

A Copa de 1938 é um marco que evidencia a consolidação do sentimento nacional em torno do futebol. Algumas imagens também se cristalizam em relação a ídolos negros, como o próprio Leônidas da Silva e também Domingos da Guia. Ou seja, o conjunto da população passa “a se identificar com uma seleção mestiça”. Por outro lado, por mais que figuras célebres, como Mário Filho, tentassem, em 1938, fazer do selecionado nacional a imagem acabada de uma nação harmônica e integrada, isto estava distante da realidade. Ao conquistar um lugar negado anos antes ao seu irmão, Domingos testemunhava um movimento que ia fazendo do futebol um dos espaços privilegiados de efetivação de disputas entre diferentes parcelas da sociedade. Nem racismo nem os preconceitos com os mais pobres tinham desaparecido, porém as condições para que estes fossem defendidos publicamente, especialmente no mundo do futebol, vinham ruindo.

Antes de Leônidas, Arthur Friedenreich, filho de um alemão com uma mãe brasileira, que era uma “mulher de cor”, pôde integrar a seleção, mas ele incorporava os ideais da elite rica, de “educação refinada”, de valores europeus – o que facilitou para que Arthur Friedenreich fosse aceito. As elites brasileiras acabaram, com certas restrições, por rejeitar a noção europeia de determinação de raça unicamente pela cor, e, em vez disso, adotam a ideia de que poderia haver um “embranquecimento” através da cultura. Isso era visto como um aprimoramento possível para os não brancos, como Arthur Friedenreich, que jogou no clube Paulistano em 1915. Apenas posteriormente, em meados da década de 20, jogadores como Fausto dos Santos, a “maravilha negra”, e o ex-soldado Floriano de Peixoto Correia, ambos negros, começaram a ganhar espaço. Por fim, em 1938, como enfatizamos, o maior destaque da seleção era um jogador negro, e a restrição antiga pela cor caía de forma definitiva, não como o fim do racismo, mas como uma concessão, baseada no desejo de se alcançar vitórias. (BOCKETTI, 2004)

A união do povo brasileiro pela seleção é algo realmente expressivo. No entanto, a mentalidade de bandos, de massa, também tem aspectos problemáticos, pois, quando eles estão reunidos em um ambiente carregado emocionalmente, a violência acaba sendo uma das expressões mais comuns. No livro de Gilberto Agostino, *Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional*, há um trecho sobre esse tema:

Por que um torcedor é capaz de matar outro? Sigmund Freud o chamaria de narcisismo das pequenas diferenças. Também podíamos chamá-lo de teoria do inimigo mais próximo. O futebol, temos que admitir, é um eficaz caldo de cultivo da lógica tribal. E das lógicas intertribais às múltiplas possibilidades de representação de guerra, há, de fato, uma margem muito estreita (AGOSTINO, 2002, p. 233).

O nacionalismo, o clubismo, e qualquer formação de identidade não devem ser vistos por um prisma positivo ou negativo. Roberto Damatta aponta que o futebol “foi certamente essa humilde atividade, esse jogo inventado para divertir e disciplinar que, no Brasil, transformou-se (sem querer ou saber) no primeiro e provavelmente no seu mais contundente professor de democracia e igualdade” (DAMATTA, 2006, p.142). Sentimentos ligados ao futebol podem ser combustíveis para selvageria e violência como foi no século XX e neste século também, não apenas no Brasil, mas em qualquer lugar que esses sentimentos existam.

Outro ponto em que tocamos mais tarde, mas que não podemos deixar mencionar aqui, é a percepção do presidente Getúlio Vargas. A derrota da Seleção Brasileira para os italianos leva Vargas a perceber na comoção e tristeza dos brasileiros o potencial existente no futebol e a grandiosidade de sua abrangência. Essa questão da popularidade do futebol nos lembra a história sobre a primeira partida oficial de futebol no Rio de Janeiro marcada para o mesmo horário de uma regata que se daria na Lagoa Rodrigo de Freitas. Os jornais notificaram a notícia como um absurdo, pois achavam que ninguém apareceria para prestigiar a partida de futebol. Estavam, porém, redondamente enganados, o estádio lotou e poucas pessoas – quase nenhuma se retiramos os remadores – apareceram para prestigiar a regata. O fato é que na década de 1930 o futebol já se havia tornado popular o bastante para ser usado como um dos elementos consolidadores do nacionalismo do Estado Novo.

Em outro texto, intitulado “Pelos Campos da Nação: um Goal-Keeper nos Primeiros Anos do Futebol Brasileiro”, Leonardo Pereira trabalha, pela ótica de um goleiro chamado Marcos de Mendonça que construiu sua carreira durante esses anos de transição, a lógica desse processo de mudança. Sua história revela como um esporte inicialmente aristocrático se tornou, num curto período de tempo, um forte símbolo nacional.

### **Identidades nacionais projetadas**

Como citamos anteriormente, Gregg Bocketti examina, em seu trabalho “Playing with National Identity: Brazil In a International Football (1900-1925)”, as identidades

nacionais desejadas pela elite branca do início do século. Sua análise se diferencia dos demais trabalhos ao demonstrar o papel que esse esporte exercia para as elites, para os *sportsmen*. Vale a pena discutir uma experiência em particular: a visita do clube inglês Corinthian Football Club.

Esse clube tinha na devoção à prática amadora dos esportes o seu mais básico elemento. Os membros do time eram da elite e estudavam nas universidades de Oxford ou Cambridge. Apesar dessas restrições, esse clube inglês era tido como um dos melhores e mais habilidosos times do mundo no período anterior à Primeira Guerra Mundial. Com o rompimento das duas grandes federações amadoras da Inglaterra, “Amateur Football Association” e “Football Association”, o Corinthian teve que procurar oponentes em outros países, e suas viagens, eventualmente, trouxeram-no mais de uma vez ao Brasil.

Corinthian foi ao Rio de Janeiro e São Paulo, ficando duas semanas e jogando três partidas em cada cidade. O clube inglês foi muito bem recebido e teve uma performance excelente. Na primeira visita, venceu todos os jogos e, na segunda, venceu quatro partidas, empatou uma e perdeu uma. A popularidade do clube inglês levou grandes públicos às partidas e influenciou a adoção do seu nome por um clube paulista, que é um dos mais populares do Brasil, o Sport Club Corinthians Paulista. Em 1910, poucos dias após a visita do inglês Corinthian, um grupo de jovens paulistas, impressionados com o desempenho do time, fundou um clube de mesmo nome para homenagear a bravura dos estudantes londrinos que há poucos dias tinham estado em São Paulo. (BOCKETTI, 2004).

As elites brasileiras que apoiavam o esporte eram conhecidas como “*sportmen*” e elas ficaram impressionadas não apenas com a habilidade dos jogadores ingleses, mas também com o refinamento social e cultural exibido pelos atletas. Algo que, na visão dessas elites, deveria ser reproduzido no Brasil. O Corinthian era um mestre, um exemplo do ideal que a elite brasileira que apoiava o *football* buscava. Algo que foi reconhecido pelos amadores do Corinthian, que disseram com satisfação que os *sportmen* brasileiros se colocavam firmemente contra o profissionalismo. É importante entender que o profissionalismo era visto de maneira negativa, pois colocava o dinheiro em disputa, algo que na visão deles era menos honrado do que disputar a glória da vitória em si, sem qualquer outro motivador. Esse elogio à prática amadora unia o clube inglês e as elites brasileiras de tal forma que a cobertura das suas visitas foi quase que exclusivamente positiva. Pois, como apontado anteriormente, era o desejo dessa elite forjar uma identidade nacional com estilo e personalidade similares ao do clube inglês, incluindo nisso o elitismo e o exclusivismo, presente em tal clube. (BOCKETTI, 2004)

O valor dado ao amadorismo pode ser mais bem compreendido estabelecendo uma contraposição entre a visita do Corinthian com a visita do clube inglês profissional, Exeter City Football. Foi observado pelos críticos do esporte que o Corinthian utilizava de violência, em alguns momentos, para parar jogadas dos times brasileiros. Os *sportsmen* preferiam que a violência não fosse utilizada, mas a justificaram de diferentes formas, dizendo, por exemplo, que o clube inglês queria demonstrar excelência também no aspecto mais viril do esporte. Outros sugeriram ainda que o uso de força era mais um aspecto que os brasileiros poderiam aprender com seus visitantes e em nenhum momento foi sugerido que os visitantes não tinham uma conduta respeitável.

Não foi esse o caso com o clube Exeter, que também utilizou táticas violentas



para parar jogadas, machucando o “craque” brasileiro Arthur Friedenreich. Segundo os observadores brasileiros, enquanto o Corinthians usou de força apenas algumas vezes, e se valeu especialmente da habilidade com a bola, o Exeter usou força de forma antidesportiva e cínica, para evitar a derrota. Embora possa ter havido, de fato, alguma diferença no grau de violência utilizada, a forma completamente diferente com que o tema foi tratado revela, para Bocketti (2004), que a diversidade de perspectiva em relação ao uso de violência nasce da diferença de identidade social e cultural dos oponentes. Enquanto o Corinthians era amador e poderia ser perdoado pelos seus erros, o Exeter, que não estava no mesmo patamar, especialmente devido ao profissionalismo, não seria tratado da mesma forma. Era importante naquele período marcar a superioridade moral da prática amadora sobre a prática profissional, para os *sportsmen* (BOCKETTI, 2004).

Os *sportsmen* eram críticos do comportamento dos brasileiros também. Quando o Corinthians foi violento, os clubes brasileiros também tiveram comportamento considerado não ideal e por isso receberam críticas. Mas a crítica de maior relevância, feita por essa elite brasileira, foi endereçada à parte dos torcedores brasileiros, que em partidas do Corinthians, vaiaram o time estrangeiro e de forma deselegante apoiaram os times locais, na visão dos *sportsmen*, de forma exacerbada. Os *sportsmen* admitiram que uma minoria foi responsável, mas estes não faziam parte das “melhores classes” de brasileiros, sendo ignorantes ou iletrados, enfatizando que esse comportamento não deveria ter lugar nos espaços esportivos. (BOCKETTI, 2004). Em outras palavras, esses brasileiros não representavam a elite – as “melhores classes”, que tinham grande refinamento – e era objetivo dos *sportsmen* forjar um terreno comum de valores com os visitantes amadores do Corinthians.

Embora excessos devessem ser contidos e criticados, apoiar com entusiasmo os times locais, prática nascida de um sentimento de pertencimento, poderia ter sido melhor compreendida, sem uma desqualificação dos torcedores baseada na identificação de classe social. A desqualificação revela, assim, não apenas um preconceito, pois parte do comportamento inadequado poderia ter sido de membros da elite branca, mas que não somente a questão da etnia, mas também a origem de classe, fazia parte do quadro de influências e de identidades, relacionadas à prática e promoção do *football*.

Os *sportsmen* atribuíram a conduta dos jogadores do Exeter ao profissionalismo, mas durante o campeonato sul-americano de seleções em 1916, os brasileiros viram que amadores poderiam ser também violentos e antidesportivos. O Brasil empatou uma vez e perdeu duas, porém, de acordo com um observador, eles teriam sido vitoriosos em todas as partidas porque não recorreram à violência. Os chilenos e uruguaios, para quem o Brasil perdeu, teriam recorrido à violência, sacrificando a dignidade pela vitória. Na derrota o Brasil teria preservado seus valores e com isso obteve uma vitória moral. Percebe-se, portanto, que nas duas primeiras décadas do século XX, vencer era secundário, o mais importante para os *sportsmen* era que os jogadores e o esporte fosse uma vitrine para o ideal social e cultural das elites. Na década de 20 e especialmente na de 30, isso começa a mudar devido ao sucesso dos clubes e da seleção. (BOCKETTI, 2004)

A vitória, no final dos anos 20, mas especialmente na década de 30, passou a ser uma forma de promover o Brasil no contexto internacional, não apenas a participação enquanto cavalheiros ou *gentleman*. Vitória poderia projetar uma noção de uma identidade forte e importante. O sucesso do esporte, sua progressiva popularização e mercantiliza-

ção, levaram gradualmente a uma abertura aos mais talentosos, fossem de qualquer cor ou classe. Mas a elite branca manteve o controle da administração do esporte e da mídia esportiva, abrindo mão, gradualmente, das noções de exclusividade, na busca por vitórias e títulos. (BOCKETTI, 2004)

Esse processo leva cada vez mais pessoas aos estádios e gera cada vez mais dinheiro, pressionando os times para profissionalização, que finalmente foi conquistada em 1933, quando o futebol virou um negócio que envolvia grande volume do capital, fazendo com que ficasse cada vez mais difícil sustentar que os “artistas da bola” não tivessem salários. A busca por vitória e títulos contribuiu também para quebrar as barreiras raciais, pois os grandes jogadores não-brancos, e entre esses especialmente os negros, devido sua habilidade, passaram a ser desejados pelos clubes e pela seleção. A possibilidade de vencer os europeus, demonstrada pela excelente campanha na Copa do Mundo de 1938, é o ápice dessa mudança. No final da década de 20 e durante os anos 30, os clubes e as federações perceberam que vencer era mais lucrativo. Os ideais também mudaram, e a seleção se manteve uma vitrine para uma versão ideal do Brasil, porém não mais europeizada, branca, e de elite, mas mestiça, com estilo próprio de jogar, cujas vitórias poderiam servir de símbolo para construir uma imagem vitoriosa do país. Assim, vencer, que nas primeiras décadas do século XX era secundário, torna-se, especialmente a partir da década de 30, parte do instrumento para vender uma imagem do Brasil. Já não mais a versão europeia desejada por parte da elite, mas ainda assim uma versão idealizada.

### O jogo dos Sentidos

“Qual seria, no entanto, o sentido deste novo fenômeno para os diversos sujeitos com ele envolvidos?” (PEREIRA, 2000, p. 203). Para examinar essa questão e tentar responder a ela, o autor busca se aproximar da realidade daquele período, que é muito mais contraditória e complexa do que se costuma imaginar.

Algumas personalidades históricas e grupos são fundamentais. Entre estes o romancista Coelho Neto, ardoroso defensor do *football* como meio para regeneração social, e Lima Barreto, outro literato, opositor de Coelho Neto, que defendia que o *football* era fator de degeneração e de desunião.

Se Coelho Neto, romancista renomado, inicialmente, em 1908, não demonstrava grande interesse pelo esporte, em 1912 se tornou sócio do Fluminense e defensor de destaque da prática do *football*. Sua família passou a estar presente no clube, principalmente seus filhos, que chegaram a jogar no Fluminense. Coelho Neto defende o *football* pela perspectiva de que ele seria um meio para regeneração da “nova raça” (PEREIRA, 2000).

Coelho Neto defendia a prática do *football* também por acreditar que o esporte poderia dotar seus praticantes de senso de coletividade e disciplina, o que seria um grande ensinamento do qual o povo brasileiro somente iria se beneficiar. Essa defesa era apoiada também, por exemplo, pelo médico Afrânio Peixoto, que defendia também a ligação positiva da prática do *football* com a atividade intelectual. Ambos se inspiravam na famosa frase latina, de origem grega, “*mente sã em corpo sã*”.

Sobre a eugenia ou teorias do Darwinismo social é interessante fazer uma relação

com o texto “A literatura médica brasileira sobre a peste branca: 1870-1940”, de Dalila de Sousa Sheppard. A autora aponta que as tendências eugenistas e do Darwinismo social foram trazidas especialmente do Sul dos Estados Unidos para o debate médico. Embora existissem médicos e pesquisadores da área que fossem eugenistas, como Belisário Pena, a maioria dos médicos dizia não compartilhar dessa visão e explicação para a origem das doenças. Preferiam explicações ligadas às condições de vida dos pobres, postura que não significava ausência de preconceito, apenas que o preconceito se manifestava de outra maneira. Na prática, o Estado e as políticas públicas e os próprios médicos tiveram uma atitude racista, de elite, ao não pesquisar a cura ou tratamentos para as doenças e os problemas que atingiam os grupos mais pobres, de maioria negra ou mestiça (SHEPPARD, 2001). A presença do pensamento eugênico fazia parte do contexto do período e se inseria em diversos debates, inclusive na questão da prática do futebol.

O *football* era, ou melhor, significava, para homens como Coelho Neto, um meio de intervenção mais direta sobre os diversos grupos de trabalhadores. Para ele, o *football* seria capaz de dotar essas pessoas de senso de coletividade, disciplina, controle e assim contribuiria para o progresso da nação. A raça brasileira para alguns, como Afrânio Peixoto, era degenerada pela mestiçagem, e o futebol seria uma solução para esse problema. Ou seja, eles partiam do pressuposto de que os brasileiros, pobres e trabalhadores, eram em geral indisciplinados, cheios de vícios (como bebedeira), individualistas ou simplesmente degenerados. O *football* seria então fator de regeneração, que agregaria harmonia, solidariedade, a essa raça desregrada, e lhe daria um futuro.

Lima Barreto, outra pessoa do campo da literatura e homem de destaque, tinha posição diversa dos *sportmen* e mostrava seu desprezo pelo *football*. Lima Barreto defende que o futebol levava a rivalidades que acabavam se traduzindo em violência, e vários episódios de conflitos, até mesmo armados, contribuíram para fortalecer sua posição. Barreto também critica duramente a posição de Coelho Neto, considerando que este estaria rebaixando sua arte ao associá-la e se utilizar dela para promover o esporte. Protesta contra o favorecimento do governo ao futebol e critica ainda o suposto benefício físico adquirido por seus praticantes, adotando as teses apregoadas pelo Dr. Mario de Lima Valverde, que argumentava contra isso, fundamentando-se nas diversas lesões sofridas pelos jogadores na prática do esporte.

Vale destacar que Lima Barreto e Coelho Neto são responsáveis, de certa forma, por alguns dos sentidos atribuídos ao jogo, existindo, obviamente, outras pessoas que compartilhavam das suas visões. Os adversários do *football*, por exemplo, com a iniciativa de Lima Barreto e do Dr. Mario de Lima Valverde, fundam a “Liga contra o foot-ball”. Tal reação, inclusive, demonstra como em 1919 o futebol já havia se popularizado e difundido chegando a incomodar profundamente seus opositores, o que não aconteceria se o esporte tivesse ficado restrito a pequenos grupos.

Lima Barreto tinha outro aliado, Carlos Sussekind de Mendonça, que contestava o bem intelectual que o futebol poderia trazer, negando a validade da ideia “Mente sã em corpo sã” tão largamente difundida. Sussekind defende a ideia que o desenvolvimento atlético, ao se tornar mais presente, inibia o desenvolvimento intelectual. Com base nisso, considerava o *football* um fator de degeneração intelectual, social e cultural. As críticas de Lima Barreto chegavam a ver na ideia do *football* enquanto regeneração social, uma perpetuação da dominação que vinha da escravidão e que separava e diferenciava

os homens. Tal perspectiva, de uma forma um pouco diferente, era compartilhada por militantes sindicais, especialmente os anarquistas, que viam no *football*, inicialmente, um meio de alienação e dominação utilizado pelos patrões.

Tanto os defensores quanto os opositores do *football* não se preocupavam em entender os motivos da popularização do esporte nem seu sentido para os que o praticavam ou gostavam de ver o jogo. Assim sendo, “todos viam o público ao qual se destinava suas mensagens como uma massa amorfa, que podia ser moldada a sua vontade” (PEREIRA, 2000, p.229). Mas essa opinião não procede, como veremos a seguir.

### O sentido do jogo para as classes subalternas

Através da proliferação de clubes, como o Maria Angu Foot-ball Club, o processo de diversificação e inserção de indivíduos de diversos perfis na prática do *football* começa a se intensificar. Esses clubes são organizados baseados em laços de vizinhança e por isso acabam abrindo espaço para operários, trabalhadores e pequenos comerciantes, entre outros. A composição dos sócios era, portanto, bastante variada, incluindo negros e pobres. Essa maneira de organização difere muito da maneira dos clubes de maior prestígio social, dos quais médicos, advogados e bacharéis eram sócios.

Uma explicação para a presença diversificada e para a associação de membros dar-se por laços de vizinhança era a baixa mensalidade que em geral esses clubes cobravam. Os estatutos desses clubes, defendidos abertamente, deixavam os partidários das teorias sobre a regeneração social muito felizes, porque enfatizavam a importância do *foot-ball* para o desenvolvimento físico, moral e mental, além da construção de laços de solidariedade. Não sabiam os *sportmen* que esses clubes estavam se apoiando na defesa de suas teses para se legitimar enquanto organizações e buscar seus próprios objetivos e não os projetados por literatos como Coelho Neto.

Um exemplo dos diferentes sentidos do jogo é o caso do jogador que quer trocar de clube. Para um *sportman* que entendia como fundamental a associação entre jogador e clube e o amor que esse deveria sentir pelo clube, tal ação era incompreensível. O *sportman* deixava, no entanto, de tentar entender quais as motivações do jogador, como Braz (PEREIRA, 2000). O jogador desse clube, o Maria Angu Foot-ball Club, era em geral pobre, tinha muitas vezes família para sustentar, e tinha, devido ao seu talento, ofertas com vantagens e auxílio financeiro, e, com a posterior conquista da profissionalização, obtinham melhores salários. Com isso, fica fácil entender o porquê da troca de clube, ou melhor, da necessidade da troca. O *football* significava para o jogador um meio de ascensão social. Olhar para essa questão, pelo ângulo das necessidades do jogador, era algo que a elite preocupada com os princípios da prática amadora dificilmente iria fazer.

Sobre os estatutos é importante ainda destacar que nem sempre ele era posto em prática. Se por um lado a defesa de harmonia e solidariedade agradava os *sportmen* e era um ideal, por outro lado, vários conflitos e rivalidades entre os clubes se formavam. Pessoas como Lima Barreto viam nisso a prova de que esses clubes fomentavam a desunião. O que ele não conseguia perceber era que justamente os laços fortes de solidariedade entre os membros de um clube eram o que o faziam rivalizar com os outros. Uma ofensa a um era uma ofensa a todos e assim todos partiam para o conflito para defender a honra

do ofendido. Logo, se os conflitos poderiam ter, e tinham, repercussão problemática, digna de crítica, tinham também uma relação com sentimentos de pertencimento e identidade que uniam as pessoas, criando laços de solidariedade e de sustentação entre elas. Perceber a complexidade da realidade e dessa relação com os sentimentos de identidade e pertencimento é essencial para entender que os julgamentos morais, sejam eles positivos ou negativos, não traduzem as diferentes facetas da relação que a população possui com o esporte.

Esses clubes esportivos se tornaram “... centros de diversão e de efetivação de suas próprias práticas e tradições” (PEREIRA, 2000, p. 244). Onde os *sportmen* viam contradição com o ideal de disciplina, os participantes das festividades não viam problema algum (PEREIRA, 2000). Os *sportmen* criticavam duramente esses grupos que viam no esporte apenas mais um meio de diversão e estavam, na visão deles, pervertendo os ideais de regeneração social. Os participantes tanto não viam contradição, nem diferenciação, que os clubes carnavalescos se uniam aos esportivos. Essa união de esporte e festa mostra um pouco do sentido que esses grupos subalternos davam ao *football*. Os clubes eram espaço de autonomia para as práticas e visões de mundo próprias dos seus sócios, condizentes com sua cultura e valores.

Os clubes necessitavam de dinheiro e de apoio. Se conseguissem apoio dos *sportmen* e respaldo da imagem positiva do esporte através da imprensa, precisavam de apoio financeiro que conseguiam ao colocar na presidência ou nos quadros importantes grandes comerciantes. Estabeleciam com esses uma relação de reciprocidade, e se o patrono não mais servia, desfaziam-se dele e procuravam alternativas de financiamento. O patrono não gozava de grande liderança, mas, sim, de poder, enquanto pudesse financiar, proteger e ajudar o clube. Caso passasse a ser empecilho, como no caso do coronel Jacinto Rocha, desfaziam-se dele (cf. PEREIRA, 2000). Outra forma de associação tratada é a associação através da fábrica ou por ofício, espaço no qual os militantes, sindicalistas e anarquistas atacavam duramente o *football*, como sendo uma forma de alienação.

A argumentação desses grupos se apoiava no fato de os operários se interessarem pouco pelas reuniões dos sindicalistas, e muito pelo esporte bretão. Faltaria consciência de classe para esses trabalhadores, na opinião da maioria dos sindicalistas, na época bastante influenciados pelo anarquismo. Nesse contexto, o *football* seria um meio de alienação utilizado pelos patrões para desviar a atenção dos operários e trabalhadores dos verdadeiros problemas que os atingiam. Visão essa compartilhada por patrões que acreditavam que enquanto os trabalhadores estivessem se divertindo não conspirariam contra eles, ou, segundo a frase atribuída a Leite Ribeiro, “enquanto o povo se diverte não conspira!” (PEREIRA, 2000, p.258).

O que tanto os sindicalistas quanto alguns patrões não perceberam foi que com a proliferação dos clubes, os operários foram estabelecendo relações de negociação e diálogo com os patrões das fábricas. Nesse momento o futebol se torna meio para enfrentamento indireto dos problemas nas relações patrões-empregados, ao lado de outras formas de enfrentamento direto, como as greves. Os clubes favoreciam a organização e unidade dos trabalhadores. Com o passar do tempo, os militantes, os anarquistas, as lideranças sindicais perceberam isso e deixaram de se opor para se juntar a esses clubes de ofício na busca de fortalecer as organizações que visavam defender os interesses dos trabalhadores.

Os patrões tentaram dificultar esse processo criando proibições como a de não poder conversar sobre assuntos políticos e religiosos em ambiente de trabalho. Mas essas tentativas não surtiram muito efeito e os clubes de ofício ou de fábricas se tornaram muito mais um espaço para a construção de laços de solidariedade entre trabalhadores do que um meio de diluir os conflitos entre o Capital e o Trabalho.

### **Do *football* ao futebol**

O processo de abasileiramento do futebol se expressa na mudança dos termos para uma linguagem mais próxima do português. A palavra “futebol” chega ao Brasil como um estrangeirismo, como *football*. O prestígio do futebol estava justamente no fato de ser estrangeiro, pois assim estaria trazendo também a modernidade dos países europeus para o Brasil. O esporte bretão trouxe consigo outros termos que ao serem utilizados com frequência demonstram a visão do *football* como esporte importado: *goalkeeper*, *forward*, *back*, *corner*.

Pessoas como Coelho Neto viam no *football* a possibilidade de o Brasil se aproximar da Europa. Assim, o estrangeirismo era abraçado por elas de bom grado, pois queriam ser como os europeus. Já outras pessoas, como Graciliano Ramos, viam no *football* uma importação que não se ajustava ao Brasil. Queriam, portanto, outro esporte que exprimisse a identidade nacional. Defenderam a adoção do Zunucati, um esporte teoricamente indígena, que seria a expressão mais autenticamente nacional, e até tentaram, sem sucesso, difundir-lo. Tentaram implantar outros esportes e práticas que consolidariam a nacionalidade, como a capoeira, porém nada conseguiu o grande feito do futebol: “... o grande entusiasmo da parte dos mais diferentes círculos sociais” (PEREIRA, 2000, p. 307).

Vários foram os fatores que proporcionaram o abasileiramento do *football* e a sua consolidação como parte da identidade nacional. Primeiro, o futebol não parou de se espalhar e se difundir. O Vasco, que foi o primeiro a colocar em seu time jogadores negros, também deu impulso à profissionalização de seus jogadores, ao montar, em 1923, um time de “profissionais da bola”. O Vasco saiu vitorioso, e o processo de profissionalização e de participação dos negros, mestiços e pobres foi ganhando maiores proporções.

O profissionalismo e seu embate com o amadorismo era o grande dilema do futebol no início do século XX no Brasil. Os presidentes dos clubes Fluminense, Flamengo, Botafogo, Corinthians, entre outros buscaram evitar a profissionalização, mas conseguiram apenas adiá-la. Nesse período, surge a figura do cartola do futebol, buscando salvaguardar seus interesses pessoais e os de seu grupo em detrimento dos do jogo. O que levou a uma situação insustentável de semi-profissionalismo, ou de “profissionalismo marrom” como chamavam os jornalistas da época, críticos dessa prática. Nela, oficialmente, o futebol era amador, mas officiosamente os jogadores eram pagos. Obviamente que esse caráter não regulamentado, que não imputava qualquer responsabilidade aos clubes, não interessava aos jogadores que eram explorados e não tinham quaisquer direitos. Ao mesmo tempo, os clubes enriqueciam com a popularização do esporte e davam apenas migalhas desses ganhos aos jogadores. Vargas, como já destacamos, viu o

potencial do esporte e, ao tomar posse em 1930, apresentou um projeto de Reconstrução Nacional. Nele se instituía o Ministério do Trabalho, visando defender os direitos dos trabalhadores. Se as razões de Vargas e a análise de sua gestão podem e devem ser problematizadas, não se pode deixar de apontar que esse foi o pontapé inicial para a profissionalização do futebol que viria em 1933.

Dois jogadores foram fundamentais para esse movimento: Leônidas da Silva, o “Diamante Negro”, e Domingos da Guia. Suas trajetórias de sucesso, nas quais nunca deixaram de enfrentar discriminação e racismo, fortaleceram ainda mais a presença diversificada de brancos, negros e mestiços. O preconceito teve que ser escondido por um sentimento misto de admiração e, no mínimo, de tolerância ao talento que não escolhia cor.

Mario Filho, importante jornalista da época, foi um grande defensor da presença do negro pela sua habilidade e ginga. Esse movimento leva à construção da noção de que os brasileiros passaram de aprendizes a mestres do jogo. E com a presença da “ginga negra”, da improvisação, ganharam um jeito autêntico, próprio, de jogar, um jeito brasileiro. Dessa forma, a proposta deixou de ser a busca por se igualar à Europa, pois, na mente de homens como o sociólogo Gilberto Freire, o Brasil tinha se tornado superior na arte de jogar bola.

A visão de Freire incluía a noção de uma “Democracia racial” e da diluição dos conflitos de raça. Os conflitos e preconceitos, entretanto, se mantêm presentes. Um ator político importante nesse contexto foi o próprio presidente Getúlio Vargas, que tinha entre seus diversos objetivos a construção de um sentimento nacional e a valorização do trabalhador nacional. Por isso, o futebol passa a ser importante na construção desses sentimentos. Vargas, após cumprimentar jogadores que venceram os Uruguaios em uma partida, favorece o uso do futebol na construção de nacionalidade, apoiando sua profissionalização e popularização como apontado anteriormente.

A consolidação do futebol como símbolo da identidade nacional se dá na Copa de 38. Mesmo tendo sido terceiro na colocação final, o Brasil foi recebido como campeão – até porque a derrota para a Itália foi creditada à atuação do árbitro. A essa altura se percebe que o governo Vargas tinha se envolvido na propaganda, reforçando o papel do futebol no projeto ideológico do nacionalismo desenvolvimentista. Cada indivíduo deu o seu sentido próprio, sua re-significação ao fenômeno do futebol. Por isso, pode-se afirmar que se a consolidação aconteceu na copa de 38, a mesma não foi uma vitória total dos planos e dos desejos do governo Vargas. Seu governo pode ter se aproveitado dessa consolidação, mas seu significado maior e diversificado não pode ser a isso reduzido.

### Considerações Finais

O futebol chegou através das elites. Tinha restrições de cor, de classe e, inicialmente, servia a um interesse dessas elites em produzir uma identidade que elas valorizavam. Uma identidade fortemente influenciada por valores europeus de refinamento social e cultural. Foi assim que começou a história do *football*, um esporte inglês que tinha o intuito de aproximar as nossas elites que gostavam do esporte das elites europeias, de suas práticas e costumes. Mas o esporte se popularizou e, com isso, as barreiras de cor,

de classe, e culturais tiveram que ser quebradas na busca pelo melhor talento, embora não tenha deixado de mostrar uma faceta difícil da pobreza existente, já que os ganhos da maioria dos jogadores de futebol estão distantes dos salários astronômicos dos “astros da bola”, nem tenha significado um fim dos preconceitos.

O futebol passou a refletir mais, com o tempo, a nossa realidade – tanto seu caráter cultural e etnicamente mestiço, quanto o caráter desigual da distribuição da riqueza em nossa sociedade. Mas também foi utilizado pelas classes subalternas enquanto instrumento de organização e associação entre trabalhadores. Foi utilizado pelos políticos para vender uma imagem vitoriosa do seu regime, fosse o Estado Novo, ou, posteriormente, a ditadura militar. O *football* virou futebol, passou a fazer parte da nossa cultura, dos nossos triunfos e mazelas, foi influenciado pelo contexto, mas tem sua própria história e, como bem aponta Bocketti (2004), também foi uma força de influência poderosa sobre o nacionalismo.

A história do futebol tem sido feita prioritariamente por jornalistas. A deficiência de um contingente mais efetivo de historiadores na historiografia do futebol abriu um espaço que inevitavelmente deveria ser preenchido, e foi. Apesar da grande qualidade de muitos desses trabalhos, podemos dizer que eles não têm, muitas vezes, o rigor historiográfico, e, por isso, essa é uma área ainda com muitas lacunas, que abre diversas possibilidades de pesquisas.

Os pesquisadores não devem temer a banalização do tema, já que é possível realizar uma contribuição significativa através da pesquisa histórica dos esportes, como Bocketti, Pereira, entre outros demonstram. Devem se preocupar em fazer o mesmo que todo bom pesquisador faz: delimitação do objeto, corte temporal, cruzamento de fontes, base teórica e fundamentação de suas teses. Se formos às pesquisas com mais perguntas que respostas, com objetivos, mas não fechados nas descobertas da investigação, mais facilmente entenderemos as relações, iremos compreender a complexidade da realidade, iremos entender como um esporte que chegou pelas mãos da elite e foi usado para reforçar racismo, elitismo e foi utilizado por políticos para manipulação é o mesmo esporte que se tornou autenticamente brasileiro, foi meio de integração dos negros, contribuiu para rechaçar o racismo, mesmo que esse tenha permanecido de forma velada, e foi utilizado para fortalecer laços de solidariedade nas classes subalternas. Entendendo essa complexidade de múltiplos fatores e relações, iremos nos aproximar do conhecimento de como esse esporte bretão se abasileirou

## **BIBLIOGRAFIA:**

AGOSTINO, Gilberto. *Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional*. Rio de Janeiro: Ed. FAPERJ, 2002.

AQUINO, Rubim. *Futebol: uma paixão nacional*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.



- BOCKETTI, Gregg, Playing with national identity: Brazil international football (1900-1925). In: *Negotiating Identities in Modern Latin America*. Hendrik Kraay University of Calgary Press, 2007, p.71-87.
- CALDAS, Waldemyr. Aspectos sócio políticos do futebol brasileiro. <http://www.usp.br/revistausp/22/06-waldemyr.pdf>. Último acesso em 11/11/2011, p.44-45.
- DAMATTA, Roberto. *A bola corre mais do que os homens: duas copas, treze crônicas e dois ensaios sobre futebol*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2006.
- FRANZINI, Fábio. *Corações na ponta da chuteira: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938)*. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2003.
- MANHÃES, Eduardo Dias. *Política de Esporte no Brasil*. Ed. Paz e Terra.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2000.
- PEREIRA, Leonardo A. de M. *Pelos Campos da Nação: um goal-keeper nos primeiros anos do futebol brasileiro*. Rio de Janeiro, 1997.
- SHEPPARD, Dalila de Sousa. A literatura médica brasileira sobre a peste branca: 1870-194. In: *História, Ciência e Saúde*. v. VIII, mar-jun, 2001, p. 173-192.